

OPINIÃO

AUGUSTO NUNES

Pelo andar da carruagem, logo chegará a 100% o índice de entrevistados convencidos de que tudo vai bem no Brasil. Se melhorar, estraga. A13

DEBATE

Augusto Nunes*



Essa gente tem mania de padecer no paraíso

Nunca antes neste país, garantem os pais da pátria reconstruída em pouco mais de cinco anos, os pobres estiveram tão felizes, a classe média tão otimista e os ricos tão satisfeitos. Quem não consumia virou consumidor, quem já consumia deu de consumir muito mais, e por isso as fábricas passaram a fabricar freneticamente e os vendedores andam vendendo como jamais venderam, confirmam entidades paragovernistas. Pelo andar da carruagem, avalizam institutos de pesquisa, logo chegará a 100% o índice de entrevistados convencidos de que tudo vai bem no Brasil. Se melhorar, estraga.

Agora medida em milhões por semestre, a geração de empregos (com carteira assinada) só precisa manter essa velocidade de deixar cabisbaixo um Usain Bolt para que o país crave, já-já, a marca prodigiosa: desemprego zero. Pois nem aí se terá chegado ao limite do sonho, porque o recorde aparentemente insuperável acabará pulverizado pelo tsunami de petróleo hoje hospedado nas jazidas do pré-sal.

Então, em todos os ramos, setores e categorias, os profissionais e os amadores, os competentes e os ineptos, os gênios e os cretinos, os especialistas e os desqualificados, os incansáveis e os macunafas — qualquer vivente capaz de desempenhar a mais simplória das tarefas estará recebendo salário regular, e será assediado nas ruas, em casa ou no local do emprego por patrões à caça de mão-de-obra, todos carregando numa das mãos o cheque em branco e, na outra, a placa com a inscrição: "Precisa-se desesperadamente".

Num Brasil tão magnificamente repaginado por estatísticas, porcentagens, cifrões e profecias, em marcha acelerada para o Primiíssimo Mundo, como podem existir descontentes? Não são muitos, ressalva a cada semana uma pesquisa de opinião, os que insistem em caçar nuvens cinzentas em céu de brigadeiro, os que teimam em padecer no paraíso. Ainda que não passassem de meia dúzia, o maior governante desde a chegada das caravelas ficaria justificadamente aborrecido.

O sistema de saúde está perto da perfeição. Há escolas para todos. A força de segurança nacional está aí para tranquilizar os inseguros. O Bolsa Família acabou com a miséria que atormenta o resto do mundo. O PAC fez do território nacional um canteiro de

obras. Não há motivos para choradeira, portanto. O problema é que, como descobriu Lula, "tem gente que torce pra que tudo dê errado, que tem raiva de quem é a favor dos pobres, que não se conforma com o sucesso de um operário que virou presidente".

O chefe de governo anda irritado sobretudo com os truques que essa gente usa para parecer mais numerosa do que é, ou para confundir os homens de boa vontade com a simulação de horrores que, é só conferir em estudos recentes, já pertencem ao passado remoto. São poucos, por exemplo, os ainda desempregados. Parecem muitos porque os descontentes os convenceram a ocupar as esquinas mais movimentadas das cidades grandes.

Ali se exibem o dia inteiro, reparados em grupos que incluem crianças vendendo balas, jovens malabaristas, adultos que limpam pára-brisas sem pedir licença, mulheres que esmolam sobraçando bebês e pelo menos um mendigo hemiplégico. A essa multidão em andrajos se somam os criadores de caso que, vestindo aquele terno das velhas noites de domingo, procuram jornalistas para pedir ajuda na busca de um trabalho fixo.

Fazem isso para inocular em colunistas apaixonados por notícia ruim a falsa sensação de que faltam os empregos que sobram nas pesquisas do Ibope, nos levantamentos do Ipea, nos estudos da Fundação Getúlio Vargas, em qualquer sucursal do Ministério do Trabalho. As redações também se prestam a outra esportezinha: fantasiados de leitores, frequentemente camuflados por codinomes, os insatisfeitos vocacionais invadem e ocupam as seções de cartas de todos os jornais e de todas as revistas. Raríssimas mensagens simpáticas ao governo submergem no aluvião de críticas insensatas, denúncias ou suspeitas sem fundamento, chiliques de granfino paulista.

Essa mágica da multiplicação do quase nada, em suas incontáveis variações, pode ser encenado tanto nos campos da modernidade, ampliados sucessivamente pela internet, quanto no bom e velho Maracanã, palco da festa de abertura do Pan-2007. Vaiado estrondosamente, Lula acreditou que não era tão apreciado pelos cariocas. O engano já foi corrigido pelas pesquisas. Hoje está claro que, naquele dia, todos os brasileiros sem ficha de matrícula no coro dos contentes combinaram juntar-se no Rio só para vaiar o presidente. Não faltou nenhum.

* Diretor Editorial — Grupo CBM
E-mail: augusto@jb.com.br